



a bela portuguesa

AGUSTINA BESSA-LUÍS

edições rolim

ADUSTIVA BESSA LUIS

A BELA PORTUGUESA



edições raras

1980

AGUSTINA BESSA-LUÍS

UFL07100416



PERSONAGENS

UM CARA...
anda, Am...
A BELA
PORTUGUESA

CENA

As traseiras de uma casa de pequena
burguesia, um jardim maltratado onde
anda uma velha mulher entregue a traba-
lhos domésticos. Pendura roupa. Sacode
panos de pé, despeja lixo. Observa, pelo
muro baixo, o quintal dos vizinhos. É só
personagem quase sempre em cena, mas
não pronuncia palavra. Trata-se da
mãe de Elisa, o muro está mesmo
calado de ruído, mesmo murchando e
bem parecido com a mãe e o pai,
trabalha e o pai, a mãe e o pai,
Amor é um...



edições rolim
lisboa

PERSONAGENS

UM CASAL: Dona Elisabeth, modista e seu marido, Amaro, um doente.

CENA

As traseiras de uma casa de pequena burguesia, um jardim maltratado onde anda uma velha mulher entregue a trabalhos domésticos. Pendura roupa. Sacode panos de pó, despeja lixo. Observa, pelo muro baixo, o quintal dos vizinhos. É uma personagem quase sempre em cena, mas não pronuncia uma palavra. Trata-se da mãe de Elisabeth. Amaro está numa cadeira de repouso. Homem macilento e bem parecido. Dona Elisabeth é elegante, traduz o contacto com as clientes elegantes. Amaro lê um livro.

ELISABETH — Como te sentes? (*Tira do ombro um alinhavo e enrola-o no dedo, lentamente.*) Queres um caldo ou um copo de leite? Este tratamento deixa-te arrasado. (*Silêncio.*) Não páras de ler. Isso também te faz mal.

AMARO — (*Pousa o livro, olha para o jardim.*) Estas casas são deprimentes. Há uma coisa que se dá bem nesta lixeira: é a *bela portuguesa*. Este ano então, está *impressionante*.

ELISABETH — Porque não dizes, como toda a gente, que está bonita? Usas sempre a palavra “impressionante”. Assustas-me sempre um pouco, nem sei porquê.

AMARO — Todos temos o nosso calão doméstico. O meu pai usava, por exemplo, a palavra *orgulho* quando falava do mar. “O orgulho do mar”, dizia ele.

ELISABETH — O mar não tem orgulho. São os homens que têm orgulho. Têm orgulho: faz parte dos maus instintos deles.

AMARO — Quando o homem é justo, o seu mau instinto serve-o como um cão fiel. (*Vê-se que sofre, inclina-se para trás.*)

ELISABETH — Estás tão branco! Branco como um lençol! Um lençol que esteja branco!

AMARO — Não estou pior do que estava. *(Pausa.)* Tem sido uma longa doença. Seis anos, não é?

ELISABETH — Mais. Desde aquele dia da... do desastre, nunca mais tiveste saúde.

AMARO — Olha, Elisabeth: vamos assentar uma coisa. Ou não falas nisso, ou não lhe chamas desastre. O que aconteceu não foi um desastre; foi uma agressão.

ELISABETH — Seres espancado por quatro desconhecidos num caminho deserto, eu acho que é um desastre. Nem sequer foi um assalto, porque não te roubaram nada. *(Maligna.)* A tua dignidade ficou ferida, bem sei; é a forma de roubar que mais nos afecta. A tua honra ficou com uma perna quebrada e usou muletas durante um ano. *(Campainha.)*

AMARO — Deve ser uma das tuas clientes.

ELISABETH — Não espero nenhuma cliente.

AMARO — É pena. Gosto de as ouvir do meu quarto. Divirto-me bastante.

ELISABETH — Eu sei, às vezes até levo a conversa para os assuntos do teu gosto. Ou, então, para o caso de estares bem disposto e

espreitares pelo buraco da cortina, faço com que mostrem a coxa muito acima da bainha da saia.

AMARO — Em tempos, achava graça! Que coisa aflitiva uma mulher nua! A pele, em geral, é granulosa e suja. Ou então tem marcas como de antigas vergastadas. Marcas brancas, repelentes. Não há nada mais triste do que a nudez de uma mulher. Se é nova, parece sair de um banho que não lhe deu frescura, um banho — sei lá! — de caldo de galinha. Se é velha, aquelas nádegas em pingo de azeite fazem-me suar de vergonha.

ELISABETH — De vergonha, é? Mas olhavas pelo buraco da cortina, um buraco acidental feito com a ponta do cigarro. (*Pausa.*) Madame Nachman, dizias que era perfeita.

AMARO — Nachman? Aquela judia com voz profunda? Parecia o suspiro sulfuroso nas entradas do Etna. A maneira como ela dizia “Lala tov” quando se despedia era uma bela despedida. Era como se deixasse a porta entreaberta entre ela e o mundo inteiro. E o cabelo dela! Azul, praticamente azul.

ELISABETH — Era preto.

AMARO — Não simplifiques as coisas, que as tornas o que são: coisas invariáveis e que dispensam a nossa imaginação. (*Pausa. Sorri fria-*

mente.) Há que tempos isso foi! “Lala tov”! Quer dizer *boa noite*, é só isso. Mas é como se houvesse um encontro marcado no fervor das palavras.

ELISABETH — Não sei o que foi feito de Madame Nachman. Acho que vive na América.

AMARO — A América é o paraíso bíblico com a serpente em computador. Madame Nachman tem que contar com o espírito da vitória para viver de acordo a moral americana. Ela tinha nascido em Bratislava, onde se dizia que aquele que deseja a verdade tem que primeiro afastar o espírito da vitória.

ELISABETH — O que tu inventas! Se fosses um homem saudável não tinhas tanto tempo para inventar.

AMARO — Tu até te orgulhas das minhas doenças. Se eu tivesse saúde, era um marido como outro qualquer, ou pior até! Os maridos das modistas são sempre piores. São marcados por um tédio qualquer, uma espécie de culpa que os faz reservados e monótonos. Têm muitos amigos, gostam de frequentar os clubes.

ELISABETH — Tu nunca suportaste ter amigos.

AMARO — Não.